

Vida e Ocaso de um Anarquista*

Eliana Regina de Freitas Dutra

Professora Adj. do Departamento de História. Doutora em História Social pela USP. Autora do livro *Caminhos Operários nas Minas Gerais*

Um trabalho primoroso é o que se pode dizer do livro *A Imagem Rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*, da historiadora Regina Horta Duarte, lançado em edição conjunta pelas editoras Pontes e Unicamp que, certamente, será recebido com satisfação pelo público leitor em geral e pelos historiadores e interessados em literatura brasileira, em particular. Nele, a figura central é a do escritor e militante anarquista mineiro Avelino Fóscolo, nascido na vetusta Sabará, nos idos de 1864 e falecido nos anos 40. E é através dos passos e dos caminhos percorridos por Fóscolo em direção à utopia libertária, que a autora nos conduz para o centro de um palco onde é encenada uma história que não se restringe à vida do personagem principal, no caso Fóscolo, mas que, em suspense, lentamente, vai se desvelando como uma história de uma época, de uma sociedade, onde o vivido dos homens se fez em um contexto diferente do nosso, com desafios próprios e respostas outras.

Assim, a vida e a obra de Fóscolo são utilizadas por Regina Horta para nos fazer aceder a um momento histórico importante, entre o fim do século passado e as primeiras décadas deste, em cuja cena estão presentes os ecos da abolição, o advento da república, as influências do naturalismo, a difusão do anarquismo, o movimento operário dos primeiros anos deste século, as relações de dominação vigentes no sertão mineiro, e onde é possível sentir a textura da vida cotidiana em Sabará, em Taboleiro Grande e em Belo Horizonte.

Ao invés de um relato biográfico de um escritor militante, a autora oferece-nos, com sensibilidade, uma narrativa histórica de qualidade irretocável, onde cada fato, cada acontecimento, cada gesto, cada desejo capturado é uma pista com a qual ela descortina uma possibilidade mais ampla de explicação, de comparação, de trabalho conceitual. Dessa forma, narrando, ela constrói uma história analítica, que cada vez mais deixa para trás o simples factual e sua forma consagrada: a narrativa tradicional. Influenciada, talvez, pelo Fóscolo escritor, a autora, ao optar pela narrativa, acaba por aproximar a história da literatura fazendo com que a leitura do seu livro, originalmente dissertação de mestrado, seja feita como a de um romance.

No primeiro capítulo, intitulado significativamente *O Ator*, numa alusão às experiências teatrais do escritor, a autora apresenta-nos a Avelino Fóscolo. Falamos de sua infância em Sabará, o vivenciamento da orfandade, a fuga da casa dos tutores, o trabalho nas minas das Gerais junto com escravos, a entrada para uma companhia mambembe que percorria o interior de Minas e, a partir daí, as suas viagens pelo Brasil e América do Sul, a disponibilidade de tempo para a leitura das obras de Júlio Verne, Victor Hugo, Alexandre Dumas Pai, a con-

* DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas: Pontes: Editora da Unicamp, 1991.

vivência com outras nacionalidades, o aprendizado de outras línguas.

Uma a uma, essas vivências, no campo do trabalho, da cultura e, por que não dizer, de emancipação individual, vão compondo para o leitor, o perfil de Fóscolo. É a percepção de que elas aderem para sempre à sua vida se confirma à frente, quando elas reaparecem revivenciadas intensamente, através das suas opções políticas e dos dramas de seus personagens, e sua revelação é presidida pela autora enquanto tece com delicadeza os vários encadeamentos.

O retorno a Sabará vai significar a retomada da convivência com os amigos de infância Luís Cassiano Martins Pereira e Artur Lobo. Ao lado deles, Avelino Fóscolo vai entrar em contato com as obras de Zola, Flaubert, Eça de Queirós, Guerra Junqueira, Auguste Comte, Júlio Ribeiro e outros, cujas idéias assustavam a pacata Sabará, aderindo com entusiasmo ao naturalismo, acreditando nos *benefícios da ciência e do progresso na transformação da sociedade*. O que a autora nos mostra aqui é a descoberta por Fóscolo de um mundo intelectual fervilhante de idéias e projetos político-sociais, onde ele vislumbra a possibilidade de alcançar a alteridade sonhada. Nesse momento, o ideal comtiano de ciência, a rebeldia dos naturalistas, o desafio anticlerical, parecem-lhe as armas certas com que pode contar na sua ânsia do novo, que ele visualiza na República. Para concretizá-la é, também com os amigos, que Fóscolo vai participar de várias *atividades teatrais, jornalísticas, literárias e políticas*. A organização de um grupo de teatro amador, a colaboração na *Folha Sabarense*, a co-autoria do romance *A Mulher*, a fundação do jornal *O Contemporâneo* são iniciativas comuns desses amigos que vão também participar da campanha abolicionista e apoiar fervorosamente a República.

Ainda nesta parte do livro, acompanhamos Fóscolo a Taboleiro Grande, aonde se dirige, bem de acordo com o seu temperamento romântico e arrebatado, para pedir em casamento a moça por quem se apaixonara. Após o casamento, Fóscolo fixa-se na cidade e passa a trabalhar com o sogro na única farmácia local. É dessa época o enfrentamento com os Mascarenhas, a família mais poderosa da região, a morte dos amigos, a publicação de *O Caboclo*, *A Capital* e *O Mestiço*, a desilusão definitiva com o projeto republicano e a adesão solitária, já que sem a companhia dos amigos, já mortos, ao anarquismo.

As experiências intelectuais compartilhadas com os amigos e a permanência, apesar da República, das mesmas relações político-sociais que Fóscolo criticava, pavimentam seu caminho em direção ao comunismo libertário que lhe vai ser acenado por Grave, Reclus, Tolstói e Kropotkin, nos seus vários textos teóricos, que ele lerá com esperança e avidez.

É como um ativo militante anarquista que vamos encontrar Avelino Fóscolo no segundo capítulo ao qual a autora deu o título de *O Semeador*. Aqui, ela revela-nos revela um Fóscolo imbuído, com um fervor quase religioso, da missão de *semear* o anarquismo, fundando o jornal *A Nova Era*, assinando jornais anarquistas como *A Lanterna* e o *Livre Pensador*; mantendo correspondências com Edgar Leunroth; colaborando na imprensa anarquista como em *A Lanterna* e a *Folha do Povo*; difundindo a literatura anarquista em Taboleiro Grande através de folhetos distribuídos, artigos no seu jornal, empréstimos de livros e periódicos, denunciando as condições de vida dos operários da Fábrica do Cedro; organizando com esses operários grupos de teatro amador, que encenavam semanalmente peças libertárias; defendendo

a melhoria do ensino e, naturalmente, escrevendo *romances sociais*. Datam desse período de sua vida os romances *O Jubileu*, *No Circo* e a peça teatral *O Semeador*.

Nessa parte da narrativa é possível ao leitor entender o anarquismo de Avelino Fóscolo, o qual, como a autora tão bem consegue mostrar, ultrapassa a fronteira da literatura e do jornalismo para mergulhar na solidariedade exercida na farmácia, no enfrentamento das adversidades presentes no cotidiano operário, na organização de atividades de lazer onde é possível, no teatro, por alguns momentos, experimentar, com outros nomes e noutro cenário, a magia libertária. O anarquismo do seu Avelino adentra a sua vida e a sua labuta diária e com elas se confunde e isto a autora não nos deixa esquecer ao mesmo tempo que nos lembra que a historiografia do anarquismo no Brasil comporta outras escritas, outras abordagens e um novo olhar.

O terceiro capítulo do livro tem o mesmo título do último romance publicado por Fóscolo em 1920: *Vulcões*. Para esse nome convergem, segundo Regina, de um lado, as influências do geógrafo e teórico anarquista Eliseu Réclus, que comparava a evolução das sociedades humanas aos movimentos imperceptíveis no interior da terra, às forças profundas que ocasionam terremotos e põem em atividades os vulcões; de outro, a força da imagem da Revolução Russa de 1917, contemporânea ao seu romance, vista por ele como uma força vulcânica capaz de destruir e soterrar a antiga sociedade, enquanto abre fatalmente o caminho para a nova.

O Fóscolo descrito neste capítulo, é segundo a autora, o profeta da revolução, que ele acredita inevitável dados os sinais presentes no cenário social brasileiro dos anos vinte, como as greves

operárias, as agitações políticas, a intensa atividade sindical, as quais ele pretende acirrar com os exemplos ficcionais dos seus romances e peças como *O Demônio Moderno*.

Ao longo dos anos vinte, entretanto, o entusiasmo do profeta vai cedendo ao desânimo diante da revolução que não vem, do anarquismo que vai soçobrando frente ao recém-criado Partido Comunista Brasileiro, da longevidade da elite política no poder. Cada vez mais só, o escritor e militante vai caindo no ostracismo, é marginalizado dentro da Academia Mineira de Letras, ignorado pelos jovens escritores mineiros modernos, e, por ironia do destino, a sua vida pessoal entra em decadência em compasso com a vida política do país que enfrenta, entre os anos 30 e 40, o Estado Novo, a supressão das liberdades democráticas, a ferocidade da repressão policial. Ainda assim, em 1940, escreve a peça *Morro Velho*, que não consegue publicar por conter críticas à atuação dos ingleses na mina do mesmo nome.

Todos esses momentos da trajetória de Avelino Fóscolo são reconstituídos pela autora a partir de sua inserção em uma temporalidade histórica que, esta sim, vai dotar de inteligibilidade suas ações políticas, seus sonhos sociais, sua produção literária. Nesse ponto é que o trabalho do historiador se faz notar. A figura do Fóscolo anarquista e escritor que emerge em todo o livro de Regina Horta traz consigo uma fotografia em negativo das relações sociais que o circundavam.

Suas obras literárias e seus artigos jornalísticos são tomados pela autora como documento histórico e o seu conteúdo é recuperado com vistas não a uma análise literária, e sim pela dimensão histórica nele contida. Nesta perspectiva, a autora trabalhou a documentação não no sentido de confirmar ou explicar as

atividades de Fóscolo pela sua filiação a um determinado estilo literário ou a uma corrente do pensamento anarquista e sim no sentido de entender as condições da sua produção.

O resultado é uma narrativa tocante, um retrato bem-feito de um homem e de uma época, onde a utopia igualitária ainda não havia entrado na sua fase crepuscular.